

A PROPÓSITO DE «O ANJO ANCORADO» DE JOSÉ CORDOSO PIRES

- por JOSÉ DE MELO

Um livro só é um livro com interesse quando consegue dizer alguma coisa. Do mesmo modo, uma obra só se afirma quando afirma uma mensagem; um escritor só é uma personalidade quando diz *um seu caminho*. E isto vem a propósito de «O Anjo Ancorado», de José Cardoso Pires, vem a propósito também deste escritor, que pertence a um escol em luta contra neflibatismos de lunáticos, em luta também contra a hipocrisia, contra a desonestidade, em luta por uma autenticidade, em luta pelo *Verdadeiro*.

Se os contactos com a França, com o mundo vário, (que à obra de autor de «Vida perigosa» dá um carácter de cosmopolitismo), dão à novelística de Urbano Tavares Rodrigues a possibilidade de revelação, através de uma experiência e de uma sensibilidade, de uma geração inquieta do pós-guerra, é Portugal quem dá consistência à sua pessoal mensagem: — uma mensagem nova, e uma nova mensagem na sua obra, perante coordenadas diferentes, perante uma geração também um pouco diferente de uma geração francesa que havia analisado, ou à luz da qual havia analisado os heróis da sua obra que vai até «Uma Pedrada no Charco». Em José Cardoso Pires está sempre presente uma geração do pós-guerra também, mas sempre uma geração do pós-guerra em Portugal, e isso observa-se de um modo especial em «Histórias de Amor», já em «O Anjo Ancorado», onde encontramos, não propriamente aqueles jovens que correm para esse «*trou inévitable*» de que nos fala Gallet, mas uma nossa geração angustiada que tem bem presente ainda uma moral tradicional, uma convenção, uma família, e que, quando corre para o «rock» nos dá ainda a sensação de «wisky sa-loio», o que, não importa agora discutir se é feliz ou infelizmente para ela, mas traduz bem, creio, o que quero dizer.

José Cardoso Pires, que abre a sua carreira literária com «Os Caminheiros e outros contos», diz sempre o que tem a dizer, nos seus livros, com o ar mais descontraído de um americano ou do nosso homem mais franco que um

falso polimento ainda não constrangeu, e a subtilidade e o cartesianismo «sui-generis» de uma juventude que se procurou e procura ver o mundo, muito mais do que o pensam aqueles que, por não a conhecerem bem, a pensam apenas produto de uma desagregação, e inócua, e vazia, e incapaz; aqueles que ignoram que ela, a um racionalismo de conceitos, opõe (e pratica antes) um racionalismo do espírito. E ao procurar-se um estilo em José Cardoso Pires encontramos, pois, o seu estilo; ao procurarmos uma técnica, encontramos a sua técnica; ao procurarmos um sentido, encontramos o seu sentido. Ele nos diria: — «É natural. Vive-mos numa época em que cada qual fala para si mesmo na companhia de muitos outros».

As obras de Urbano Tavares Rodrigues e de José Cardoso Pires, pessoal, como pessoal é a de Urbano Tavares Rodrigues, encontram-se, vistas cada uma através de duas personalidades diferenciadas, e de um «curriculum» diferenciado também, num processo da nossa geração do pós-guerra. Por isso aproximei os

dois escritores, ao falar de José Cardoso Pires. Mas parece-me que um e outro se irmanarão sempre, nisto, além das suas diversidades: — em que um e outro não são uma crise mas a consciência de uma crise, e tanto basta para provar que, das nossas últimas gerações, a geração do pós-guerra não será senão avisada que poderá cair naquela «*glissade sans effet*» de que nos fala o já citado autor de «Le Bouquet».

Já uma vez escrevi, em panorâmica de obras aparecidas, que «O Anjo Ancorado» nos deixa ainda à espera do muito que nos prometeram «Os Caminheiros e outros contos» e «Histórias de Amor». Mas direi mais: — do que nos promete também o próprio «O Anjo Ancorado». E isto quer dizer que há muito a esperar de José Cardoso Pires. Quanto a uma recensão de «O Anjo Ancorado», ela já está feita. Mas eu diria que vale a pena ler-se: — nem sempre nos são dados tipos e a temática de uma época como em «Uma Pedrada no Charco», de Urbano Tavares Rodrigues, ou como em «O Anjo Ancorado», de José Cardoso Pires.